

# Recepção de telenovelas em contexto étnico

RECEPTION OF TELENOVELAS IN ETHNIC CONTEXT

└ *Wesley Pereira Grijó*

Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS; Mestre em Comunicação pela UFG. Graduado em Jornalismo e em Rádio e TV pela UFMA. Membro do Grupo de Pesquisa no CNPq “Comunicação e práticas culturais” e do Observatório Ibero-Americano de Teleficção (Obitel). Professor da Unipampa, Campus São Borja-RS. E-mail: wgrijó@yahoo.com.br

*Karla Maria Muller*

Jornalista, Relações Públicas, Publicitária; Mestre em Comunicação; doutora em Ciências da Comunicação; professora pesquisadora do PPGCOM/UFRGS; coordenadora da pesquisa “Práticas Socioculturais Fronteiriças na Mídia Online”; membro dos Grupos de Pesquisa no CNPq “Comunicação e práticas culturais” e “Mídia, tecnologia e Cultura; assessora *ad hoc* do CNPq. E-mail: karla.muller@ufrgs.com

Recebido em 7 de dezembro de 2014. Aceito em 13 de maio de 2015

## Resumo

O artigo aborda a recepção de telenovelas no quilombo da Família Silva, em Porto Alegre (RS). O marco teórico é composto por estudos que tratam da interação dos atores sociais com a mensagem televisiva. Utiliza-se a perspectiva dos estudos culturais da Crítica Diagnóstica, de Douglas Kellner, as leituras diversas dos receptores, o modelo de Codificação/Decodificação, de Stuart Hall e as mediações comunicativas da cultura Jesús Martín-Barbero. Dessa

forma, as mediações no quilombo estão estabelecidas primeiramente com base nas relações étnicas, a partir das quais categorias secundárias são estruturadas, tais como relações de classe, violência e preconceito; estas atreladas à categorias terciárias como relações de gênero, história do quilombo, história do negro, cidadania, cotidiano e relações com o outro.

**Palavras-chave:** Identidade étnica. Telenovela. Recepção.

## Abstract

The article aims the reception of Brazilian telenovelas on quilombo of Família Silva in Porto Alegre(RS). The theoretical framework consists of studies that deal with the interaction of social actors in the television message. Is used the perspective of cultural studies of the Critical Diagnostic, by Douglas Kellner; the various readings of the receptors, the model Encoding / Decoding, by Stuart Hall; and communicative mediation culture by Jesús

Martín-Barbero. Thus, the mediations on quilombo are first established on the basis of ethnic relations, from which secondary categories are structured, such as class relations, violence and prejudice; these linked to tertiary categories such as gender relations, history of quilombo, history of black people, citizenship, daily and relations with others.

**Keywords:** Ethnic identity. Brazilian telenovela; Reception.

## Introdução

Os dados mais recentes da Fundação Palmares (2015) apontam a presença de 94 comunidades quilombolas reconhecidas em território gaúcho, sendo quatro localizadas em Porto Alegre: Areal (Vila Luiz Guaranha), Família Silva, Alpes e Família Fidelix. A partir desse cenário, nosso estudo foca na relação dos membros da Família Silva com as telenovelas exibidas em emissoras de canal aberto, buscando compreender como as pessoas dão sentido aos textos das telenovelas e quais inferências fazem a partir de seus contextos.

Cabe ressaltar que o grupo da Família Silva foi o primeiro quilombo urbano reconhecido pelo Governo Federal, cuja gênese remonta todo o processo histórico vivido pelos negros gaúchos. Originada a partir da migração interior-capital e, posteriormente, vítima da política de “higienização”, a gênese do grupo étnico sintetiza o fenômeno de expulsão das populações negras da região central para zonas periféricas de Porto Alegre na primeira metade do século XX. No caso da referida comunidade, ela ainda enfrenta o processo da política de remoção de grupos pobres das áreas mais valorizadas e, por isso, luta pela fixação no bairro Três Figueiras, região atualmente considerada nobre, com o terceiro metro quadrado mais caro da cidade<sup>1</sup>.

Historicamente, o cenário que levou os negros a habitar as zonas afastadas do centro da cidade vai desde a “limpeza” dos becos no período de urbanização e modernização de

---

1 Uma pesquisa do Ibope, em 2010, sobre o valor do metro quadrado construído em bairros de Porto Alegre estabeleceu o seguinte *ranking*: Moinhos de Vento (R\$ 5.256,00), Bela Vista (R\$ 4.658,00) e Três Figueiras (R\$ 4.613,00). (EXAME 2010).

áreas centrais, no final do século XIX, até as remoções de núcleos habitacionais que formavam as favelas porto-alegrenses das décadas de 1950 (também denominadas vilas), como Ilhota. A retirada desses núcleos levou à constituição de bairros periféricos atuais como Restinga e Vila Jardim, cujas origens ligam-se à desterritorialização de áreas negras da cidade, como Cabo Rocha, Ilhota, Colônia Africana e Areal da Baronesa (GERMANO, 2009).

Ao entrarmos no cotidiano e nos lares dos membros da família Silva, pudemos ver que aquelas pessoas – que lutaram para serem legitimadas como quilombolas – trabalham como empregadas domésticas, diaristas, pedreiros e vigilantes. Em síntese: o grupo é uma família com poucos recursos financeiros, que luta para residir de forma honesta em uma das áreas mais valorizadas de Porto Alegre, sendo alvo de preconceito (racial ou social) da vizinhança.

Observamos ainda que, como parte da base da pirâmide econômica da cidade – o que não permite muitas opções de diversão em uma sociedade capitalista – assistir à televisão é uma das principais formas de diversão após o fim da longa jornada de trabalho. Na Família Silva, o aparelho de TV esteve presente desde o início da vida dos atuais moradores, uma vez que a fixação dos seus ascendentes no território ocorreu há cerca de 60 anos, mesmo período de introdução da TV no Brasil (GONTIJO, 2004). Os moradores mais antigos lembram da presença da televisão na casa da família e de vizinhos desde criança, por isso têm uma intensa memória televisiva.

No Rio Grande do Sul, a televisão iniciou suas transmissões no dia 20 de dezembro de 1959, quase dez anos após ser inaugurada a primeira emissora no Brasil, a TV Tupi, em 18 de setembro de 1950. De conteúdo quase totalmente regional, a primeira televisão gaúcha, a TV Piratini, pertencia ao grupo *Diários Associados*, cujo dono era o jornalista pernambucano Assis Chateaubriand. A década de 1970, época da compra da primeira televisão pela Família Silva, é apontada pela pesquisadora Susana Kilpp (2000) como um momento de grande crescimento no consumo de eletrodomésticos no Brasil e no estado gaúcho. Tal fenômeno estimulou também compra de televisores para ter acesso à programação das emissoras locais, ainda no sistema de transmissão em preto e branco. Conforme Kilpp, nesse período, o Rio Grande do Sul era a unidade da Federação onde mais se compravam aparelhos de TV, com vendas aumentadas em 250%.

A singularidade do quilombo urbano e a relação dos moradores com a televisão *a priori* já poderia ser motivo para uma pesquisa na área da comunicação, mas observamos que outras questões entram nessa relação. No contexto mais amplo, a Família Silva está situada em um grupo minoritário da população gaúcha, e é desprovida dos bens de produção da economia do Estado. A etnia negra foi colocada em segundo plano ao longo da formação do Rio Grande do Sul, ou seja, houve o que autores denominaram de “invisibilidade do negro gaúcho” (OLIVEN, 1996).

Diante da hegemonia ao qual esse grupo étnico está submetido, a problemática que norteou a pesquisa no quilombo da Família Silva pode ser sintetizada por meio da seguinte indagação: Como um grupo étnico negro inserido em um contexto urbano de sociedade branca se relaciona com as narrativas das telenovelas e quais as principais mediações imbricadas nessa relação?

Para entender essa relação tão específica e complexa foi importante a compreensão de conceitos como identidade (HALL, 2003), grupo étnico (BARTH, 2003; VILLAR, 2004) e etnogênese (BANTON, 1979), entendidos aqui como processos dinâmicos inseridos em um contexto de disputa e mobilização política. Além dessas contribuições, utilizamos a experiência de estudos mais específicos sobre a contemporaneidade das comunidades quilombolas gaúchas (CARVALHO, 2009).

A reflexão sobre a relação dos quilombolas com os meios de comunicação, principalmente, com a recepção de telenovelas brasileiras, é realizada a partir da perspectiva da *Crítica Diagnóstica* (KELLNER, 2001). Posteriormente, essa discussão é estendida para pensar o pólo da recepção sob o viés das leituras diversas dos receptores, incorporados nos estudos de recepção midiática pelo modelo de *Codificação/Decodificação* (HALL, 2003). Como forma de superar as limitações desse modelo, articulamos a questão a partir da noção de *Mediação social* (MARTÍN SERRANO, 1978) e das *Mediações comunicativas da cultura* (MARTÍN-BARBERO, 2004).

Nas estratégias metodológicas e analíticas para o estudo da recepção de telenovela no quilombo da Família Silva, buscamos operacionalizar a coleta de dados referentes aos sujeitos/audiência e à emissão/produção de forma que a análise e interpretação fossem realizadas em função dos contextos cultural, histórico, social e midiático (JENSEN; ROSENGREN, 1990). Essas estratégias foram formadas a partir de nossas assimilações teórico-metodológicas do campo da recepção midiática e das observações exploratórias na comunidade onde o estudo é realizado.

Diante disso, articulamos a pesquisa com um estudo de abordagem qualitativa, cujo método se situa nos procedimentos oriundos da *História Oral* (ALBERTI, 2005), além da contribuição da pesquisa historiográfica (CADIOU et al., 2007) utilizada para recontar o contexto sócio-histórico do negro no Rio Grande do Sul. Em relação ao nível técnico, para uma melhor explicação sobre o processo de captura de dados nos trabalhos de campo, utilizamos as técnicas: história de família, observação participante e entrevista semiestruturada. Em relação à captura dos dados referentes às telenovelas, o procedimento utilizado foi posterior ao indicativo presente nas informações obtidas através dos entrevistados. Assim sendo, os dados foram coletados a partir da *sinopse* disponibilizada pela produção e da crítica textual.

## Mediações quilombolas

Ao adentrarmos o cotidiano dos moradores do quilombo da Família Silva, verificamos que a rotina das pessoas é permeada principalmente pelo trabalho, que toma a maior parte do dia. A maioria sai de casa ainda nas primeiras horas da manhã e retorna quando já anoiteceu. Diariamente, a forma de diversão, entretenimento e informação mais presente entre os moradores são os meios de comunicação, sejam em suas residências ou no trabalho: televisão, rádio, jornais, revistas, além do acesso à internet através de celulares com esse recurso – comum entre os mais jovens. Não podemos esquecer que ainda há forte presença da comunicação interpessoal entre eles, principalmente, porque se trata de um grupo familiar, com grandes interesses em comum. Por conta disso, principalmente aos finais de semana, presenciamos pessoas conversando na porta de suas casas com parentes, observando as crianças brincarem no pátio, e se atualizando sobre questões que dizem respeito ao quilombo. Na comunidade, os meios de comunicação estiveram presentes desde os tempos do casal fundador do quilombo. Entretanto, essa presença aumentou nos anos posteriores, principalmente, quando foi instalada a energia elétrica, a partir de então o aparelho de televisão se tornou um eletrodoméstico de grande importância, tendo um destaque entre os outros objetos da casa, conforme demonstra a Figura 1.



**Figura 1:** Disposição dos televisores nas residências dos quilombolas.

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Em nossas observações, percebemos a grande presença da televisão e, principalmente, do gênero telenovela no cotidiano das pessoas, sendo a principal forma de entretenimento e informação após a jornada de trabalho e nas folgas do fim de semana, conforme pode-se observar na Figura 2. Nos trabalhos de campo, foram entrevistados dez quilombolas, focando principalmente nos relatos orais sobre a história da comunidade, suas trajetórias de vida, seus cotidianos e o consumo dos meios de comunicação e das telenovelas.



**Figura 2:** Família quilombola assistindo à televisão após jornada de trabalho.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nesse sentido, apesar de estarmos cientes da presença de outras mídias na comunidade, este estudo se restringe à relação dos quilombolas com as telenovelas; contudo, como forma de direcionar teórico-metodologicamente nossas reflexões, elegemos as temáticas emergidas nas falas dos entrevistados, quando relatam a história da comunidade e, por consequência, suas histórias, como categorias norteadoras para nossa discussão.

Assim, temos as seguintes temáticas: história do negro, cidadania, violência, preconceito, história do quilombo, cotidiano, relações com o outro, relações de classe,

relações de gênero e relações étnicas. Elas foram identificadas na leitura flutuante realizada após a transcrição das entrevistas com os quilombolas e na posterior análise e descrição destas; em seguida, passaram a servir como categorias para decodificação dos trechos das entrevistas correspondentes às temáticas no programa NVivo. A partir desse procedimento, pudemos fazer inferências sobre as temáticas presentes nas telenovelas mencionadas – âmbito da produção – com aquelas identificadas nas entrevistas dos membros da Família Silva – âmbito da recepção – para assim compreendermos esse processo a partir do contexto quilombola cidadão no que concerne às leituras diversas (HALL, 2003) e às *mediações comunicativas da cultura* (MARTÍN-BARBERO, 2004) através das quais as mensagens são apropriadas.

Como relatamos acima, as temáticas que encontramos nas entrevistas são de grande relevância para o contexto sócio-histórico do grupo étnico observado. Assim, se nas falas dos receptores emergem temáticas oriundas de suas experiências de vida, o mesmo ocorre com as telenovelas brasileiras, ou seja, a abordagem de temas sociais nas narrativas televisivas brasileiras, algo pouco explorado nas produções mexicanas e venezuelanas, por exemplo, é um diferencial em relação às concorrentes no mercado internacional. Dessa forma, no Brasil, a experiência na produção de telenovelas, liderada pela Rede Globo, se firmou em tramas de cunho mais realista, promovendo discussões entre os telespectadores a partir das leituras que estes fazem das narrativas, levando em consideração suas classes, idades, sexos, etnias, regiões, etc.

Nesse sentido, Lopes (2003) aponta que a televisão oferece a difusão de informações acessíveis a todos sem distinção de pertencimento social, classe ou região. Além disso, esse meio de comunicação torna disponíveis repertórios anteriormente restritos a certas instituições socializadoras tradicionais como a escola, a família, a igreja, o partido político, a agência estatal. Com isso a autora acena que a televisão – e a telenovela em particular – é emblemática no surgimento de um novo espaço público, no qual o controle da formação e dos repertórios disponíveis mudou de mãos, deixou de ser monopólio dos intelectuais, políticos e governantes, dos titulares dos postos de comando da sociedade.

No âmbito das telenovelas, as leituras dos quilombolas sobre as narrativas estão relacionadas às estratégias das emissoras para cativar a audiência, abordando diversos temas nas produções, constantemente, caracterizadas pelo tom realista impresso nessas obras, uma particularidade das telenovelas brasileiras. Essa intenção de representar a realidade nas tramas não quer dizer que seja realizada com total fidelidade ao real, pois se baseia em códigos hegemônicos alicerçado em arquétipos, estereótipos e simulacros. E, mesmo essa manutenção de aspectos hegemônicos em questões sociais, étnicas, sexuais, etc., ainda assim dialoga com aspectos contemporâneos do país, em uma linha tênue entre

manter a ordem estabelecida e, em doses homeopáticas, contemplar as demandas daquelas que não se sentem satisfeitos com as representações estabelecidas.

Percebemos ainda que a relação dos quilombolas com as telenovelas ocorre a partir da noção de consenso dentro da lógica de relações hegemônicas gramscianas: as telenovelas agendam assuntos de interesse do grupo étnico – negros como protagonistas, referências de combate ao preconceito racial, citações à história do negro brasileiro, etc. – o que gera maior identificação das narrativas com essa audiência, ao mesmo tempo que retira o foco de outras demandas e mantém esse público sintonizado na emissora e nos produtos anunciados em seus intervalos comerciais. Com isso, queremos dizer que esse estudo, pode lançar inferências sobre a relação entre emissoras de televisão e audiência: a retroalimentação do público a partir de elementos identitários como forma de fazer a manutenção do telespectador, neste caso específico, pelo viés étnico.

Essas categorias só podem ser avaliadas a partir do contexto étnico da comunidade, por isso, foi importante pensar o cenário a partir da ideia de etnogênese e da luta pela posse da terra, vivendo em uma região habitada por pessoas ricas e majoritariamente brancas, em uma relação de alteridade intensa e constante. Esse cenário implica no modo como aquelas pessoas se apropriam do conteúdo das telenovelas com as quais têm ou tiveram contato.

## O negro nas telenovelas na fala dos quilombolas

Por conta desse contexto específico, as “relações étnicas”, que consideramos relativas às questões da negritude e de todo processo de etnogênese, são aquelas que apresentam maior importância na fala das pessoas, não apenas quando relatam a história da comunidade e suas histórias, mas também quando se referem ao conteúdo das telenovelas: a forma como os negros são representados nas telenovelas, sua relação com os brancos, sua história, etc. Isto pode ser observado em um trecho da fala de um membro da família:

— [O que acha dos negros nas telenovelas?]

— Tem muito poucos.

— [Cita uns que lembra então.]

— Tem Taís Araújo, Lázaro Ramos... são tão poucos que nem to conseguindo. Têm outros que não lembro o nome... Camila Pitanga.

— [Por que acha que têm poucos?]

— Eu acho que existe racismo, sabe. E eles também não dão oportunidade pros negros, né. Apesar de não ter estudos, tem vários negros que não têm estudos. Eu acho que não dão oportunidade.

- [E por que acha que isso ocorre: muito negro na vida real e poucos na TV?]
- Porque eles não têm oportunidade também e pouco estudo, porque acho que negro também não tem.
- [Estudo influencia muito?]
- Não, também não, né, porque seu sei que tem ator negro que não tem estudo. Acho que os atores negros que tem lá basicamente foram ajudados.
- [Mas quando ela faz a “empreguete”, muita gente disse que mais uma vez era negro como empregado. O que acha?]
- Eu acho que, na verdade, não só a Globo, mas em todas as emissoras de TV, eles só dão oportunidade pra negros fazerem esses papel. Eu lembro, não sei se a Zezé Motta, que é um negra senhora também já de idade, que disse que não sei por que a Globo só dá papel pra ela fazer de faxineira, ou limpando a casa, ou batendo panela e tudo mais. Eu não sei... E sei que é sei lá, porque ela é bem negra, por isso.
- [Mas já teve novela com negro como protagonista.]
- Tem, mas foi poucas. Lembro poucas. A Taís Araújo também, em *Viver a Vida* que ela foi protagonista.
- [O que achou dela como protagonista?]
- Ah, foi um orgulho né. Apesar de ser pouca novela, foi um orgulho. Até minha patroa — Minha patroa é super legal — disse: “Nossa, que legal ela, representando os negros, que eu nunca vi”. Eu fiquei chocada dela falando isso. O negro fazendo protagonista de uma novela. Mas são poucos, são poucas oportunidades. (Sônia da Silva, 21 anos)<sup>2</sup>.

Contudo, a conjuntura de grupo étnico quilombola está atrelada a questões relativas à sua formação – ao processo de etnogênese –; ao fato de ser um grupo negro e pobre cercado por pessoas ricas e brancas; aos vários casos de violência e preconceito racial e social, etc. Por isso, ligadas às “relações étnicas”, temos as outras categorias com suas motivações específicas e que aparecem nas referências dos entrevistados sobre as telenovelas.

Entre elas, as “relações de classe”, cujas menções dizem respeito ao entorno do território do quilombo, cercado por pessoas ricas, para as quais muitos trabalham como empregados domésticos; quando esta categoria aparece nas falas a respeito das telenovelas está ligada à crítica àquelas histórias em que os negros são mostrados apenas como empregados, principalmente, dos personagens brancos. Apesar de

2 Os trechos das falas dos sujeitos serão literais e os nomes fictícios são utilizados para manter o sigilo de sua identidade, seguindo as normas pré-estabelecidas com o Comitê de Ética da UFRGS. Nas citações estão colocadas as perguntas de pesquisa para facilitar o entendimento do leitor.

saberem que essa representação também ocorre na vida real, eles condenam o fato de as emissoras insistirem nessa abordagem e retratarem escassamente os casos que fogem à regra.

— O das “empreguetes”... Que tu pode dar a volta por cima. Tu pode ser uma empregada doméstica e dá a volta por cima. Ter um talento ou uma coisa assim. Ou tu tá trabalhando como empregada doméstica, pode estudar e dá a volta por cima e tudo mais.

— [Outro personagem que lembra?]

Não, ela é um exemplo pras pessoas negras que tão recém começando a carreira que o preconceito não existe, mas eu sei que existe. Acho que é isso. Ela tá mostrando. (Sônia da Silva, 21 anos)

— [Lembra de algum personagem que era um negro rico?]

— Esse personagem, que é marido da Taís Araújo... Ele era empresário, ele tinha uma agência, parece que era.

— [O que ele fazia?]

— Ele era tipo um magnata, né? Ele tinha o apartamento todo chique lá. E as outras que ficavam meio assim de chegar perto dele.

— [Quem eram as outras?] As outras pessoas.

— [Quando mostra negros assim, acha que está mostrando a realidade?]

— Sim, lá onde trabalho é um condomínio assim – aponta para os vizinhos –, têm poucos negros, mas têm. E a guriuzinha dele estuda aqui no Colégio Anchieta. (Rose da Silva, 39 anos).

O contexto étnico citadino é ligado ainda com a “violência”, uma vez que muitos membros dos Silva foram vítimas de agressões policiais, estimuladas pelo preconceito racial e social ao qual padeceram antes do reconhecimento como quilombolas. Essa questão é relacionada, principalmente, nas telenovelas de cunho histórico quando as tramas mostram negros violentados pelos “capitães-do-mato”, representantes dos poderosos, e não podem reagir; eles associam essa categoria às agressões que sofriam dos policiais militares, que os acusavam de praticar roubos e furtos nas residências vizinhas, tendo como prova apenas o fato de serem negros e pobres.

— Eu lembro daquela novela que tinha os escravos que eles colocavam na pedra, que apanhavam. Passava às seis horas. Lembro que eles trancavam os negros nas pedras e batiam. A mesma coisa que os policiais faziam, a gente não podia falar nada. Tinha que ficar quieto. Eu acho horrível. Eu acho que eles batiam, os policiais, porque a gente é negro. (Helena da Silva, 28 anos).

— [A telenovela] Influencia também a criança a roubar, a matar. As novelas fazem isso, mas termina com final feliz e na vida real não termina assim. Na novela, a criança chega matando e tudo mais e no final da novela tudo feliz. No final da novela a criança tá lá ou com uma família que adotou e na vida real não é assim. (Sônia da Silva, 21 anos).

Junto à isso, há alusões aos casos de discriminação que sofreram devido à cor de suas peles e por não pertencerem às camadas economicamente mais ricas, ou seja, o preconceito, motivado por questões tanto de ordem racial quanto social. Quando mencionada a partir da telenovela, essa categoria é relacionada ao fato de não haver equidade de tratamento entre negros e brancos assim como ocorre na vida real, tanto nas tramas históricas, quanto nas que retratam a sociedade contemporânea. Além disso, conforme o depoimento de uma das entrevistadas, o preconceito mostrado nas tramas é “camuflado”, termo utilizado por ela para se referir ao modo como as produções abordam a questão, mas não de forma tão veemente como ocorre na realidade.

— Essa novela que não lembro o nome. Tinha senzala.

— [Sinhá Moça?]

— Essa mesma!

— [O que mais tinha nela?]

— No fim, ele o dono da casa mesmo, ele não queria que a filha dele, no caso uma branca que se apaixonou por um negro... E ele não queria que o negro ficasse com a filha dele porque ele era negro de senzala e a filha dele era branca. No fim eles fugiram, ficaram juntos e ele não pode fazer nada. Tiveram filho tudo junto.

— [Já soube de caso assim?]

— Conheço, uma branca filha de rico se apaixonou por um negro. Hoje, a gente se fala, a gente não se falava antes, agora a gente se dá *tri* bem. Ela estuda nesse colégio Monteiro Lobato e ele estuda no colégio de pobre ao lado. Quando ela passava ele dizia: — Ah, ela é muito bonita. E as pessoas falavam: — Vocês nunca vão ficar juntos. E eu perguntava: — Por que que eles não vão ficar? Por que ele é preto, ela é branca?; ela tem dinheiro e ele não tem??. E hoje eles estão juntos. E eles passavam todo dia um pelo outro.

— [Parece coisa de novela?]

— Parece coisa de novela. Por causa que amor era proibido pelos pais deles, mas ela tava apaixonada, gostou dele; ele gosto dela, ficaram juntos. (Rita de Cássia da Silva, 21 anos)<sup>3</sup>.

3 Cabe ressaltar um equívoco da entrevistada em relação aos personagens da telenovela citada. Apesar de mencionar que o romance era entre uma garota branca e rica com um escravo, na trama de *Sinhá Moça* a história de relacionamento inter-racial proibido era entre o filho de escravocrata José Coutinho (Eduardo Pires) com a escrava Adelaide (Lucy Ramos).

A essas categorias mais freqüentes estão atreladas outras de grande importância para aquele contexto. Em um ambiente onde a figura feminina exerce forte liderança, apesar de estar inserida em uma cultura machista, há “relações de gênero” quando utilizam as narrativas para criticar o fato de homens negros bem sucedidos se envolverem apenas com mulheres brancas. Ao mesmo tempo, há quem se identifique com personagens que buscam casamento com alguém de outra classe social para mudar de vida. Na mesma linha entre “relações de gênero” e “relações de classe”, Isabel da Silva se identifica com a personagem Valdirene (Tatá Werneck), da telenovela *Amor à Vida*, que sonha em conhecer um homem rico e assim mudar de vida.

— Ela tá atrás de homem rico, ela quer homem rico.

— [Isso é comum?]

— Ela é pobre e quer homem rico. E quer arrumar homem rico.

— [Já viu algo assim?]

— Sim, eu também queria um homem rico pra mim. (Isabel da Silva, 28 anos).

A História do quilombo ligada à trajetória da própria comunidade é lembrada nas tramas em que negros lutam por seus direitos e suas liberdades, ao mesmo tempo que são alvos de violência e preconceito dos poderosos. Uma atitude similar de associação é feita com a História do negro. Contudo, esta é conectada à lembrança de subalternização do negro ao longo da formação do Brasil e do Rio Grande do Sul, o que leva muitos entrevistados a não encontrarem um lado positivo nas narrativas que abordam a violência sofrida por pessoas dessa etnia, como cativos, no passado.

— Nunca deram oportunidade de fazer uma novela com história parecida com a minha. — [Já viste algo parecido com tua comunidade?]

— Acho que foi a novela das nove, tinha várias pessoas, várias famílias morando assim. Foi a novela das nove que acabou, que várias pessoas sabiam da vida dos outro, tudo que um fazia. Foi nessa novela que acabou, que tinha a Bruna Marquezine também.

— [Salve Jorge?]

— Sim, várias pessoas morando junto e fofoca rolando. Porque família morando junto é assim. Eu se tivesse, se tivesse não porque to juntando uma grana, eu não queria morar aqui, não. Não dá. Muito conflito, muita fofoca, intriga, não dá. (Sônia da Silva, 21 anos).

— Eu já vi, mas não lembro em qual novela foi. Agora última novela das seis, a *Flor do Caribe*, que era o velho da cadeira de roda, que mandou o motorista embora, porque o motorista falou

umas verdades pra ele e ele pegou e não gostou e falou um monte de coisa, que ele era negro, que era isso. Aí, nessa *Flor do Caribe*, que... Entendeu? Então eles mostram a realidade, mas bem pouquinho e aí eles tiram fora do ar. Eu acredito assim, meu, no Brasil existe preconceito escondido, meio escondido, mas existe. Por que o negro é mal visto. Vamos supor... Vamos voltar muitos e muitos anos atrás, por que que os brancos no tempo dos fazendeiros diziam pros negros que manga com leite mata? Sabe? Pra eles não tomar o leite, que eles comiam a manga, não tinha nada pra comer. O que que eles comiam antigamente? Era tripa de porco... A melhor parte eles comiam e os malandros achando que tava pensando no lucro e não era. Aí, eles inventaram essa história que manga com leite mata. Isso é uma das mentiras mais deslavadas. (Evilásio da Silva, 42 anos)

A Cidadania, no que concerne à percepção de que o negro não é respeitado em uma sociedade que deveria ser igualitária, retratada nas telenovelas na forma depreciativa e submissa como as pessoas são mostradas para a audiência.

— A novela que estou assistindo por último, eu gostava, gosto de assistir é a *Malhação* que é sobre adolescência, porque tenho minha guria mais nova, a mais velha já casou. Porque é um tipo de educação que eles ensinam ali, né. Educam as crianças, o que tu tem que fazer, o que tu não tem que fazer. E é uma cultura também que é pra gente, né? Assim, ao mesmo tempo que a gente tá assistindo, a gente vai ensinar pros filhos da gente. [pausa: celular toca] E vou aprendendo também como conviver com o pessoal, não vou ser um troglodita daqueles dos tempos das pedras, de tudo a pau. A gente tá aprendendo ali o dia-a-dia deles, entendeu? (Evilásio da Silva, 42 anos).

— Ah, sim, não sei se foi *Laços de Família*, que aquela menina tava com leucemia, que ela raspou o cabelo e tudo. Aquela chamou muita atenção.

— [Por quê?]

— Pra mostrar que não se tá tendo muito acompanhamento na saúde. Porque chega as pessoas né é tanta... Tanta dificuldade pra conseguir um tratamento, uma coisa. Então essa novela chamou atenção. (Preta da Silva, 47 anos).

O Cotidiano, pelas referências feitas às telenovelas baseadas em suas vivências diárias, em suas experiências pessoais, como a identificação com personagens com alguma deficiência que são impedidos de manter uma vida normal devido à superproteção dos parentes; ou ao fato das telenovelas mostrarem situações que lembram a relação conturbada com padrões que desvalorizam seu trabalho.

— Tem muita gente que dá o valor que o negro precisa, mas têm outros que querem pisar em cima do negro.

— [Tipo?]

— Querem esculachar o negro. Têm muitos que dão o valor. Têm outros que não. Têm outros que querem que tratam igual empregado. Têm muitas dessas faxineiras negras que a dona da mansão passa o dedo pra ver se tem sujeira.

— [Sabe de algum caso?]

— Já. Ela [amiga] tava limpando a casa. Ela fez dentro do prazo que ela tinha pra entregar. Mas a faxina era muito grande. Aí, a dona passou o dedo assim pra ver se tinha poeira. (Rita de Cássia da Silva, 21 anos).

Por fim, a categoria “relações com o outro”, gerada devido à dicotomia entre os moradores do quilombo e os vizinhos, em uma relação pouco amistosa em muitos momentos. Esse encontro de mundos distintos convivendo lado a lado está alicerçado em um fenômeno de alteridade gerado pelo abismo social existente entre os dois grupos, que os coloca em lados opostos. Para denominar esse “outro”, os quilombolas se valem de denominações do tipo: “branco”, “burguês”, etc. Estas mesmas qualificações estão presentes quando se referem às telenovelas e citam aqueles que nas narrativas ganham maior destaque em detrimento dos personagens negros e suas histórias. Muito vinculada à categoria “relações de classe”, serve para eles exemplificarem como ocorre o processo de subalterização dos negros nas narrativas, com menções que podem ser sintetizadas em: “o negro está sempre como empregado dos brancos”. Nesse mesmo sentido, há depoimentos que ilustram uma forma de representação que gostariam de ver do “outro” nas telenovelas:

— Que botasse o branco pra limpar chão; negro dono de uma mansão, de uma casa. (Rita de Cássia da Silva, 21 anos).

Isto posto, indicamos que, na recepção das telenovelas, as mediações imbricadas nesse processo protagonizado pelos membros do quilombo da Família Silva se apropriam das narrativas principalmente por meio das singularidades inerentes ao contexto ao qual estão inseridos. Ou seja, a singularidade nesse cenário são as categorias emergidas nas falas dos quilombolas; não necessariamente as categorias concebidas de forma independente, pois poderiam estar presentes em outras comunidades, inclusive aquelas sem a agenda da identidade quilombola. Essa relação está materializada no esquema presente na Figura 3, que mostra tais categorias e suas ordenações conforme explicitamos outrora na fala dos entrevistados.

O singular, neste caso, está na forma como verificamos a estruturação das categorias no discurso dos entrevistados. Nesse sentido, o que vamos denominar de “mediações

quilombolas” estão estruturadas primeiramente nas “relações étnicas”, a partir das quais as categorias secundárias são estruturadas: “relações de classe”, “violência e preconceito”. E estas atreladas a categorias terciárias: relações de gênero, história do quilombo, história do negro, cidadania, cotidiano e relações com o outro.



**Figura 3:** Esquema relacional da categorias emergidas nas entrevistas.

Fonte: Elaborado pelos autores.

## Considerações finais

Assim, indicamos que, para o cenário pesquisado, há uma categoria dominante, que atravessa outras categorias secundárias e terciárias, gerando uma mediação com a recepção das telenovelas em que a audiência (quilombolas) realiza suas apropriações, reconhecendo questões relativas a seu contexto, mas também a todo o contexto do negro em nível nacional, o que não difere muito um do outro. Em tal caso, não seria equivocado afirmar que a categoria “relações étnicas” é uma condição *sine qua non* para a apropriação das narrativas televisivas por aquelas pessoas, pois a elas se somam as outras categorias complementares, sendo estas mais acionadas em alguns momentos e menos em outros. Mas, sempre vinculadas ao caráter urbano da comunidade com demandas próprias das regiões citadinas: violência, preconceito, luta de classes, cidadania, etc.; contudo, otimizadas por um contexto onde as pessoas lutaram para se legitimar enquanto quilombolas, com uma história ligada ao passado dos negros cativos no país, que tiveram que se reconhecer e serem reconhecidos pela sociedade, gerando um cenário onde as questões étnicas prevalecem acima de outras problemáticas.

A título de comparação, a partir de nossa experiência de pesquisa em comunidade quilombola, quando realizamos o estudo em outro quilombo de caráter rural, no nordeste brasileiro, outra realidade se comparada ao contexto da Família Silva, verificamos que questões relativas à identidade cultural, aos antepassados e ao mito fundador eram mais fortes na composição das identidades daquela localidade. Já no caso da comunidade dos Silva, as questões urbanas entram em cena e pautam a constituição de suas identidades, concretizada pelas relações de alteridade: preto/branco, rico/pobre, burguês/ empregado, etc.

Ao dialogarmos com os estudos de recepção, presenciamos pesquisadores contrários ao uso do termo “filtro” para denominar as esferas acionadas pela audiência quando assimilam as narrativas midiáticas. Sem discordar das contribuições sedimentadas nas experiências anteriores desses profissionais, nossa experiência de pesquisa de recepção na Família Silva permite afirmar que as apropriações das telenovelas são realizadas a partir de “perspectivas” acionadas conforme as suas vivências: de quilombola, de negro, de mulher, de pobre, de empregada doméstica, de vítima de violência e preconceito e das práticas cotidianas em geral.

Com esta pesquisa, buscamos compreender como as pessoas do quilombo da Família Silva dão sentido aos textos das telenovelas e quais inferências fazem, a partir de seu contexto, fortemente atrelado à invisibilização a qual os grupos negros foram subjugados na cultura gaúcha, que esboçou certa mudança recentemente, através da luta pela legitimação, enquanto descendentes de escravos com direitos constitucionais sobre o território que habitam há décadas. Por conta disso, não é impróprio afirmar que, apesar de estarem inseridos em um estado com forte identidade regional, antes de serem gaúchos conforme a concepção hegemônica estabelecida pelos tradicionalistas, os Silva se reconhecem de fato como afrodescendentes. Nossa afirmação condiz com a declaração de uma entrevistada quando se refere a sua identidade regional: “sou gaúcho entre aspas”. Aqueles com maior entendimento sobre a história da formação do Rio Grande do Sul sabem que, desde aquele passado remoto, quando houve o massacre dos Lanceiros Negros na Revolução Farroupilha, a contribuição de seus antepassados foi colocada em segundo plano. Os ícones remanescentes daquele conflito, tão importante para a história e cultura do estado, são brancos e pertencentes às elites; nenhum foi negro, escravo, pobre, ou seja, há um hiato muito pertinente nesse processo de identificação.

Diante desse cenário histórico, tão importante para se entender as demandas contemporâneas do negro gaúcho, nossa pesquisa é construída a partir de uma trajetória que se fundamenta em um maior aprofundamento da questão do negro no Rio Grande do Sul até as especificidades relativas a uma comunidade quilombola urbana. Esta ainda se configura

como um fenômeno contemporâneo em vias de maiores estudos nas Ciências Humanas e Sociais e para os quais nossa pesquisa pretende dar sua contribuição específica a partir do viés do Campo da Comunicação. Como forma de termos subsídios para enfrentar a problemática da pesquisa, procuramos manter o diálogo com os estudos históricos e antropológicos, assimilando dessas áreas o conhecimento necessário para complementar este estudo, o que nos levou a fazer escolhas e recortes nem sempre concebidos como consenso dentro dos campos de conhecimento mencionados, mas fruto de nossas seleções, baseadas no cruzamento da leitura de determinados autores, tentando respeitar, na medida do possível, os conhecimentos já sedimentados nessas áreas com as quais mantivemos diálogo.

Convém ressaltar a importância da utilização do método da História Oral, auxiliado por técnicas de pesquisa como História de Família, Observação Participante e Entrevistas Semiestruturadas, para a coleta das informações necessárias a este estudo. Demos preferência a um método que respeitasse o contexto das pessoas e levasse em consideração suas experiências de vida. Atribuímos grande importância à história contada a partir de seus pontos de vista, suas impressões e versões. Nesse ponto, a pesquisadora indiana Gayatri Chakravorty Spivak (2010) questiona o poder de fala dos grupos subalternos na sociedade capitalista, sem entrar no mérito da possibilidade de fala daqueles que vivem à margem do poder. O nosso estudo é construído valorizando a fala de pessoas subalternizadas em uma sociedade com disparidades de várias ordens, mas que tem nesses grupos grandes fontes para compreender a realidade brasileira.

## Referências

- ALBERTI, V. *Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.
- BANTON, M. *A idéia de raça*. Lisboa: Edições 70; São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- BARTH, F. Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade. In: VERMEULEN, H.; GOVERS, C. (Orgs.). *Antropologia da etnicidade: para além de ethnic groups and boundaries*. Lisboa: Fim de século, 2003.
- CADIOU, F. et al. *Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CARVALHO, A. P. C. Do “planeta dos macacos” a “chácara das rosas”: de um território negro a um quilombo urbano. In: SILVA, G. F.; SANTOS, J. A. *RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- EXAME. 2010. Pesquisa de imóveis do Ibope 2010. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/imoveis/infograficos/pesquisa-de-imoveis-do-ibope-2010/>>. Acesso em: 26 abr. 2013.
- Fundação Palmares. 2015. *Comunidades Quilombola*. Disponível em: <[http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=88&estado=RS](http://www.palmares.gov.br/?page_id=88&estado=RS)>. Acesso em: 04 fev. 2014.

- GERMANO, Í. Carnavais de Porto Alegre: etnicidade e territorialidades negras no Sul do Brasil. IN: SILVA, G. F.; SANTOS, J. A. (Orgs.). *RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- GONTIJO, S. *O livro de Ouro da comunicação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- GRIJÓ, W. P. *Mídia e cultura: um estudo da televisão e da identidade cultural no quilombo de Itamatatua*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Cidadania. (Dissertação de mestrado) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2010.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- JENSEN, K. B.; ROSENGREN, E. Five traditions in search of the audience. *Europe Journal Communication*, Londres, v. 5, p. 207-223, jun. 1990.
- KELLNER, D. *A cultura da mídia*. Bauru: Edusc, 2001.
- KILPP, S. *Apontamentos para uma história da televisão no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Unisinos, 2000.
- LOPES, M. I. V. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 26, p. 17-34, jan./abr. 2003.
- MARTÍN SERRANO, M. *La mediación social*. 2 ed. Madrid: Akal, 1978.
- MARTIN-BARBERO, J. *Oficio de Cartógrafo*. Travesías latinoamericanas de La comunicación en la cultura. México/Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- OLIVEN, R. G. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, I. B. (Org.). *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.
- SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- VILLAR, D. Uma Abordagem Crítica fazer Conceito de “eticidade” na obra de Fredrik Barth. *Maná*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 165-192, abr. 2004.